



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de abertura de encontro empresarial, com a presença do presidente de El Salvador, Elias Antonio Saca

São Salvador-El Salvador, 29 de maio de 2008

Quero agradecer a presença de todos neste Segundo Encontro Empresarial Brasil-Sica.

E quero assinalar, publicamente, meu reconhecimento especial a todos os brasileiros e centro-americanos que vieram aqui, a El Salvador, especialmente para este evento, em busca de novos negócios, novas oportunidades. Há muitas possibilidades de comércio e de investimento ainda por explorar, entre os nossos países. Encontros como este são fundamentais para descobrir interesses recíprocos e complementares.

O relacionamento do Brasil com os países da América Central está ganhando nova densidade. Após décadas de relações meramente corretas, iniciamos uma etapa de iniciativas práticas, com resultados visíveis e benefícios palpáveis para nossos países e, sobretudo, para nossas populações.

O intercâmbio comercial com os países do Sica tem se expandido significativamente. O comércio do Brasil com os países do bloco cresceu 280% entre 2003 e 2007. Houve um salto de 549,7 milhões para 1,7 bilhões na corrente de comércio com os países da região.

No entanto, uma relação comercial claramente favorável ao Brasil não é desejável nem sustentável. E essa é uma das razões para esta reunião: para gerar novas oportunidades onde todos possam ganhar.

Desde o início do meu primeiro mandato como Presidente, houve um número sem precedentes de visitas de alto nível entre o Brasil e os países da região. A agenda diplomática se ampliou significativamente, com ênfase em



iniciativas de cooperação em biocombustíveis, agricultura, saúde, políticas sociais e educação.

Quero destacar aqui biocombustíveis e agricultura, dois temas de grande atualidade e de especial interesse para o Brasil e para os países da América Central. No momento em que o fantasma da escassez de alimento e o crescente preço do petróleo colocam novos desafios para nossos países é preciso, mais do que nunca, buscar respostas inovadoras e efetivas para garantir segurança energética e segurança alimentar.

A cooperação na área de biocombustíveis entre o Brasil e os países da América Central já está em curso. Em alguns casos, temos investimentos brasileiros e transferência de tecnologia, em outros ainda estamos em etapa de estudo e de discussões.

O importante, porém, é garantir que cada país examine com cuidado o potencial dos biocombustíveis na geração de renda e de emprego no setor rural, na criação de novas vocações produtivas e exportadoras, na busca de alternativa, ainda que parcial, para evitar a dependência do petróleo.

Os países centro-americanos devem ser os mais interessados em desmistificar as falsas controvérsias sobre os biocombustíveis. E os senhores, com conhecimento de causa e responsabilidade direta na produção desses novos combustíveis renováveis, devem ter voz ativa no processo de informação e esclarecimento sobre o tema. Temos de provar, por meio de ações, que o etanol e o biodiesel podem conviver em harmonia com os nossos princípios do desenvolvimento sustentável e políticas sociais prioritárias.

Para os empresários brasileiros, as parcerias com os sócios centro-americanos permitem acesso privilegiado ao mercado norte-americano. Para os homens e mulheres de negócios dos países membros do Sica, a participação brasileira é garantia de acesso às tecnologias e processos produtivos mais avançados e a investimentos. Trata-se, portanto, de um casamento que tem tudo para dar certo.



Na cooperação em agricultura e pecuária, o Brasil tem toda a disposição de compartilhar uma longa história de sucesso em termos de inovação tecnológica e de ganhos de produtividade. A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, a Embrapa, certamente poderá ajudar em processo de diversificação produtiva, contribuindo também para aumentar a disponibilidade de alimentos. E essa é uma tarefa na qual o Brasil atua com especial empenho e convicção, pois estamos convencidos de que os países mais vulneráveis não precisam de subsídios ou de ajuda alimentar, precisam dispor dos conhecimentos e das condições para desenvolver sua produção. Temos, entre Brasil e os países do Sica, uma série de investimentos e parcerias comerciais em curso ou em estudo que indica, com muita clareza, outras áreas com potencial de gerar benefícios mútuos. Empresas brasileiras participam de diversas obras de infra-estrutura na região e mostraram, como já fizeram na América do Sul, na África e no Oriente Médio, a vantagem de ter conhecimentos das realidades e as necessidades dos países do sul, de saber, por exemplo, construir estradas, hidrelétricas, termoeletricas, centros habitacionais e canais adaptados a países tropicais. Grandes firmas têxteis e de calçados já investem ou estudam investimentos em plataformas de produção para o mercado dos Estados Unidos. Além das preferências tarifárias, vêm em busca da qualidade da mão-de-obra local, acostumada a produzir para os padrões norte-americanos.

O fato é que boa parte da agenda que o Brasil e os países do Sica estão implementando depende do setor privado, da realização de missões empresariais e rodada de negócios, da identificação de novos nichos de oportunidades. Mas nós vamos continuar ajudando no que for possível e não somente com vontade política, mas também com iniciativas, com valor prático tangível. É com grande satisfação que anuncio, por exemplo, a participação do Brasil como sócio extra-regional, do Banco Centro-Americano de Integração Econômica, sediado em Tegucigalpa. Esse será mais um canal para facilitar o



acesso a financiamentos para novos negócios e parcerias.

O Brasil também está empenhado em que seja iniciada a negociação de um acordo amplo que inclua a busca do livre comércio entre nossas duas regiões. Temos a certeza de que esse acordo complementar todos os outros que os países da América Central têm negociado, e permitirá aumentar ainda mais o fluxo de bens, de serviços e de investimento. Sei que existem constrangimentos em termos de recursos humanos, mas estamos perdendo tempo, estamos perdendo oportunidade de negócios. Basta ver o que as empresas brasileiras já estão fazendo, para imaginar o que poderíamos fazer a mais, com um acordo de associação Mercosul-Sica.

Este evento empresarial, Brasil-Sica, que inclui um seminário sobre oportunidade de negócios, uma oficina sobre biocombustíveis e uma rodada de negócios, é uma iniciativa muito louvável e que, certamente, será de grande utilidade para vocês todos e para os nossos governos.

Meus amigos, companheiros presidentes,

Eu queria dirigir uma palavra aos empresários brasileiros que estão aqui, e aos empresários que fazem parte dos países que compõem o Sica. Eu penso que o mundo está a nos provocar para uma profunda reflexão do que queremos ser nessas próximas décadas. Nós, hoje, depois de experimentar alguns anos de crescimento, e é louvável o crescimento de todos os países que fazem parte do Sica: economias cresceram a 7%, a 8%, a 11%, geraram mais empregos, geraram mais renda, geraram mais oportunidades.

Duas coisas estão a me causar preocupação. A primeira é o esforço que temos feito para tentar definir as negociações na Rodada de Doha, fazendo com que os países ricos compreendam que o acordo precisa ter como fecho final garantir que os países mais pobres do mundo – ou os menos desenvolvidos se quisermos assim chamar – tenham a oportunidade de poder vender aos países mais ricos aquilo que é a parte essencial da sua produção. Eu estou falando, sobretudo, da agricultura.



Tem uma negociação, eu diria, muito engraçada, porque todo mundo sabe onde o sapato está apertando, todo mundo sabe onde o calo está doendo, todo mundo sabe o que precisa fazer e ninguém quer dar o primeiro passo. A União Européia sabe que precisa flexibilizar o seu mercado agrícola para que os produtos dos países, tanto da América Latina quanto da África e de alguns países asiáticos, tenham facilidade para entrar no mercado europeu. E eles têm dificuldade de fazer isso, não por conta do custo econômico mas, sobretudo, por conta do custo político. Afinal de contas, os agricultores da Europa ainda têm muitos votos, e não é todo mundo que tem coragem de tirar os subsídios que eles dão para a agricultura.

Os Estados Unidos sabem que precisam diminuir também os subsídios. E, também, num ano eleitoral, é muito difícil imaginar que alguém vá brigar com os agricultores do seu país.

E nós, que fazemos parte do G-20, sabemos que precisamos flexibilizar em produtos industriais e em serviços. Agora, também temos que ter a responsabilidade de não flexibilizarmos a ponto de impedir que os países que passaram 30 anos vivendo crise econômica, e que agora começaram a crescer, venham, outra vez, ver a sua indústria decrescer por conta da enxurrada de produtos dos países mais desenvolvidos. Esse equilíbrio nós estamos buscando. O meu ministro Celso Amorim está mais em Genebra negociando do que no Brasil, conversando comigo.

Entretanto, eu sou muito otimista que a gente possa concluir esse acordo, para permitir que os países mais pobres, que não tiveram oportunidades no século XX tenham agora as oportunidades no século XXI.

Eu estou convencido, presidente Saca, de que os subsídios à agricultura nos países desenvolvidos são uma das razões pelas quais os países em desenvolvimento e os menores países não tiveram chance de dar o salto de qualidade que poderiam ter dado nesses últimos anos.

O Brasil, que é um país grande, que tem uma economia razoavelmente



forte, ficou 26 anos sem crescer. Vinte e seis anos! Uma geração e meia de brasileiros nasceu e ficou adulta sem ver a nossa economia crescer a ponto de devolver para a sociedade aquilo que todo ser humano quer: trabalhar e viver às custas do seu salário.

Faz pouco tempo que nós começamos a crescer e, portanto, não poderemos flexibilizar em produtos industriais, a ponto de impedir que as indústrias brasileiras, as indústrias de todos os países fiquem impossibilitadas de crescer. Esse é um assunto muito delicado. Não são poucas as reuniões, não são poucos os telefonemas, não são poucas as conversas entre chefes de Estado, mas ainda não chegamos a um ponto.

Bem, se o acordo da OMC na Rodada de Doha está difícil, embora todos sejamos otimistas, quem conversar com a Susan Schwab, negociadora americana; quem negociar com o Durão Barroso, representante da União Européia; quem falar com o Celso Amorim, ou falar com a China ou com a Índia, a gente pensa que está quase tudo para ser resolvido, mas sempre aparece um empecilho de última hora, e o acordo não é assinado. Este é o primeiro ponto.

O segundo ponto é que tem uma crise econômica espalhada nas economias mais fortes do mundo. A crise americana é quase que um segredo de Estado. Nós sabemos pouco sobre até onde ela vai chegar. Se fosse aqui em El Salvador, no Brasil, no Panamá ou na Guatemala que tivesse uma crise imobiliária como tem nos Estados Unidos, com reflexo profundo nos bancos europeus, certamente o FMI já estaria aqui com 30 delegações, tentando ajudar a consertar as nossas economias.

Com relação à crise do *subprime*, ninguém fala nada, e nós não sabemos os efeitos que essa crise pode ter, na medida em que alguns especialistas que estudam a crise americana demonstram, claramente, que é possível que ela ainda esteja longe de estar resolvida. Não só porque estamos num ano eleitoral, mas, sobretudo, porque parece que o rombo na economia



americana é muito grande, e isso envolveu bancos europeus que parecia que não participavam de “jogatina”. Porque isso, na verdade, é uma “jogatina”, tentaram ganhar dinheiro num cassino. Na verdade, se tivessem trabalhado com seriedade, nós não teríamos chegado a essa situação.

O dado concreto e objetivo é que todos nós sabemos que se os Estados Unidos tiverem uma recessão, essa recessão terá abalo na economia mundial. Uns sofrerão mais, outros sofrerão menos. E todos nós, agora, precisamos começar a compreender que, com este mundo globalizado em que estamos vivendo – mundo mais próximo de todos nós –, não podemos mais ficar dependendo apenas de um ou de outro país. Não é possível, e os nossos empresários precisam ter clareza disso. Todo mundo sabe da extraordinária relação que o Brasil tem com os Estados Unidos; todo mundo sabe da boa relação que o Brasil tem com a União Européia; todo mundo sabe da boa relação que o Brasil tem com os países asiáticos, sobretudo com o Japão, que é o mais rico deles. Entretanto, neste mundo globalizado, ou procuramos consolidar outras parcerias entre nós, procuramos novos nichos de mercado entre nós, procuramos novas parcerias empresariais entre nós, ou nós correremos o risco de fazer com que essa crise resulte em prejuízo para quem não teve coragem de procurar novas parcerias nesses últimos anos.

Eu estava vendo um documento ali, preparado pelo Itamaraty, ou pelo ministro da Indústria e Comércio, que mostra a relação do Brasil com os países do Sica, a relação comercial. É uma relação muito vantajosa para o Brasil, se bem que pequena. Eu tenho dito aos meus companheiros empresários, aos meus companheiros ministros, que uma boa relação comercial entre duas nações é quando ela tem um certo equilíbrio: eu compro e vendo. E, no resultado final, você pode ter uma vantagem para um ou para outro, mas que essa vantagem não seja um disparate na relação comercial.

E digo sempre para os empresários brasileiros: quando a gente viajar pelo mundo, a gente não tem que viajar apenas pensando em vender, é muito



importante, mas a gente tem que pensar em comprar, porque senão outros oferecerão melhores oportunidades e nós perderemos a chance de participar daquele mercado.

Qual é o desafio que está colocado para o nosso empresariado de toda América Latina? É tentar fazer com mais sabedoria o que não foi feito no século XX. É tentar pensar que tipo de parceria empresas importantes do Brasil podem fazer junto com os empresários dos países do Sica. Não é apenas comprar do Brasil, mas é se associar a empresas brasileiras para que aqui também esse produto possa servir de geração de empregos, de aumento de renda para os países menores, de aumento das exportações dos países menores. Porque eu estava vendo, no documento, que o déficit comercial dos países do Sica na sua balança comercial é muito grande, é quase que uma importação de 58 bilhões e exportação de 24 ou 27 bilhões. Esse equilíbrio precisa ser procurado.

Eu tenho pedido aos empresários brasileiros, meu caro presidente Saca, que muitas das coisas que nós produzimos no Brasil podem ser produzidas aqui, não precisam ser produzidas no Brasil. Podem ser feitas parcerias com empresas dos países da América Central e poderemos, através da América Central, ter acesso a mercados que, certamente, lá do Brasil, nós teremos mais dificuldades. E aí é que seria o bom casamento: gerar oportunidades de empregos nos países menores, para que eles também tenham chance de se desenvolverem e não fiquem tão dependentes apenas de uma ou de outra economia. Todos os companheiros que fazem parte do Sica sabem do desejo que nós temos de que o Sica se associe ao Mercosul, todos os presidentes sabem.

E muitas vezes eu fico pensando: qual é a preocupação, qual é a dificuldade? Porque se nós não formos ousados agora... Nós estamos percebendo que se houver uma crise mais profunda e uma retração na economia maior do mundo, isso vai resultar em que todos nós tenhamos



problemas sérios, ainda uma inflação, essa novidade dos últimos meses, a inflação causada pela escassez de alimentos, escassez de alimentos cuja culpa estão jogando em cima do biodiesel ou do etanol, os empresários que se cuidem. Eu acho uma tese, presidente Saca, tão frágil, porque vamos ver como é que funcionou a agricultura europeia nos últimos 20 ou 30 anos. Na Europa e em muitos países se pagavam para as pessoas não produzirem. Eu me lembro que uma vez fui a Roma, e fiquei na casa de uma pessoa que financiava um programa de TV que nós tínhamos no Brasil, no Sindicato. Essa pessoa tinha umas 30 vacas de leite, e dizia: “Eu ganho mais dinheiro não produzindo do que produzindo, porque o governo me paga para não produzir”.

Ao mesmo tempo, vamos ver qual foi o incentivo que os países pobres tiveram nesses últimos 30 anos para aumentar a sua produção agrícola. Vou pegar a América Latina e a África como exemplos. Poucos tiveram chance de entrar, com seus produtos, nesse mercado fabuloso que é a União Europeia. Entretanto, agora começou a movimentação contra o aumento do preço do petróleo.

Ontem, na Europa, houve várias manifestações contra o preço do petróleo. Até ontem, nenhum governante que criticava o preço dos alimentos, colocava o petróleo como um ingrediente capaz de ser motivo pelo aumento dos alimentos. Quando você sai de um barril de petróleo – há três anos – de 30 dólares para 135 dólares, qual é o efeito disso no transporte dos alimentos? Ou melhor, qual é o efeito do preço disso nos fertilizantes que são produzidos a partir de derivados do petróleo? Isso não se discute. Então, não se discute a crise americana, não se discute o aumento do petróleo, e estou falando contra mim mesmo. Estou falando contra mim porque o Brasil, além de já ser auto-suficiente em petróleo, acaba de descobrir grandes blocos de petróleo, com grandes possibilidades de tornar o Brasil um dos três países com maior reserva de petróleo do mundo.

Então, eu acho que essa discussão que precisamos fazer aqui... Os



nossos empresários podem ajudar para que os governos possam também aprender com eles a discutir, por exemplo, o significado dos biocombustíveis no mundo de hoje. Obviamente que nenhum governante é louco de produzir combustível para o tanque de um carro, em vez de produzir combustível para o seu estômago. Ninguém é tão insano a ponto de fazer isso. O que nós queremos provar é que é plenamente compatível combinar a produção de uma nova matriz energética na área de combustíveis e produzir alimentos, sem criar nenhum problema. É só nos dar mercado, para perceberem o quanto nós temos condições de fazer avançar a agricultura no mundo, suprir a necessidade alimentar do mundo.

O terceiro ingrediente que precisamos analisar é: nos últimos 20 anos, quantos milhões de seres humanos voltaram a comer? Eu tenho certeza de que no Panamá, tenho certeza de que em Belize, tenho certeza de que em todos os países daqui – porque no Brasil aconteceu isso – o povo está comendo mais, o pobre está tendo acesso a alimentos que ele não tinha há 30 anos.

Então, a Índia está comendo mais, a China está comendo mais, os africanos estão comendo mais, os brasileiros pobres estão comendo mais. Eu tenho certeza de que os países de toda a América Latina estão comendo mais, porque a economia melhorou em todos os países. E, certamente, esse é um problema bom, porque significa que nós temos que trabalhar mais para produzir mais alimentos, nós temos terra, temos água, temos sol, temos mão-de-obra.

Então, nós precisamos fazer disso uma oportunidade e não um momento de desesperança. E eu espero que os empresários brasileiros que estão aqui, e os empresários que fazem parte do Sica debatam com profundidade, porque vocês podem, a partir de uma discussão madura, com a experiência que vocês têm, alimentar para que nós, governantes, possamos também avançar na nossa compreensão e não permitir que esse bom



momento que todos nós construímos seja vítima de um retrocesso, por incompetência nossa.

Eu quero desejar a vocês toda a sorte do mundo. Quero dizer aos companheiros que, da parte do Brasil, nós iremos fazer todo o esforço possível para que o Sica e o Mercosul firmem um acordo definitivo. Na última semana, criamos a Unasul, que é um espaço privilegiado e uma demonstração clara de que os países da América do Sul estão compreendendo que juntos nós seremos muito mais soberanos, juntos nós seremos muito mais fortes.

Nós só temos que ter cuidado com a compreensão que as pessoas têm. Quando a União Européia discute a União Européia, todo mundo acha aquilo o máximo, todo mundo acha aquilo uma coisa muito avançada. Quando nós discutimos aqui, as pessoas começam a dizer que não vai dar certo. Não vai dar certo porque tem muita divergência, não vai dar certo porque são países pobres.

E eu estou convencido de que é a partir dessa união que começou na América do Sul – vocês começaram com o Sica – que tudo isso pode, num curto espaço de tempo, se firmar numa grande união de toda a América Latina. Do México à Argentina, nós temos muitas similaridades, falamos línguas muito próximas, nos entendemos às vezes pela metade e os tradutores nos ajudam a compreender a outra metade. Os nossos povos se adoram, cada brasileiro se sente um pouco latino-americano e cada companheiro latino-americano de língua espanhola se sente um pouco brasileiro.

Nós temos tudo para fazer avançar, num curto espaço de tempo, as nossas relações políticas, comerciais, culturais, infinitamente mais do que nós fizemos nos últimos 50 anos. Porque também aqui, nesta parte do mundo, nós fomos aprendendo, com o tempo, que uns eram mais amigos, outros eram mais inimigos, e nós fomos virando as costas uns para os outros, nós não conversávamos entre nós. O Brasil não olhava para essa parte do mundo, essa parte do mundo não olhava para o Brasil. O Brasil não olhava para a Argentina,



que não olhava para o Brasil. Todo mundo olhava por cima, todo mundo mirava os grandes mercados mundiais, essa é a verdade. Todo mundo nascia, começava a sua vida empresarial mirando os Estados Unidos e a União Européia, o que era compreensível. Nós tínhamos muitas incertezas políticas e a gente não tinha certeza se a democracia iria fortalecer o nosso continente. Tudo que era ruim se falava de nós. Era crime organizado, era nessa banda do mundo; era narcotráfico, era nessa banda do mundo; era tentativa de revolução, era nessa banda do mundo. Então, nós vivíamos, um pouco, sendo vítima do pânico que os outros criavam a nosso respeito. O que, muitas vezes, por deficiência nossa, mesmo, nós permitíamos que eles compreendessem assim.

Eu queria perguntar para alguém aqui, nesse plenário, e para imprensa: se há ou se já houve algum momento, nessa parte do mundo, que nós vivêssemos a tranquilidade democrática que nós estamos vivendo? Acho que não há momento na nossa história.

Ontem, eu estive no Haiti. O Haiti foi o primeiro país deste continente a se libertar e o presidente Préval é o único presidente do Haiti eleito democraticamente que cumpriu o mandato inteiro e, ao deixar o mandato, não teve que correr para outro país, ficou no próprio Haiti.

Aqui, nós tivemos quantos problemas? No Brasil, em todos os países. Nós estamos vivendo uma tranquilidade de fortalecimento das instituições, uma tranquilidade de aprendizado democrático, os empresários já não têm mais medo das esquerdas, as esquerdas já não têm mais medo dos empresários. Nós aprendemos que, de forma civilizada, todo mundo tem que fazer as coisas pensando em melhorar a vida do conjunto da sociedade. Este é o momento histórico mais importante desse pedaço de terra que Deus criou e, portanto, nós não temos o direito de fraquejarmos no intento de fazermos as nossas economias crescerem, os nossos povos melhorarem de vida, as nossas empresas crescerem, gerarem mais empregos, gerarem mais renda, gerarem



mais democracia, mais renda, mais salário, mais consumo, enfim, nos transformamos no continente alvo de elogios, porque não somos mais um continente onde a miséria era a única razão de nós sermos comentados no mundo.

Eu penso que nós, presidentes das Repúblicas, temos que dizer aos nossos empresários: boa parte das coisas boas que acontecerem daqui para a frente dependem também da sabedoria de vocês em compreenderem que oportunidades existem e que nós precisamos aproveitá-las da forma mais sensata possível. Eu estou vendo aqui alguns empresários que, quem sabe há 15 anos, a gente não pudesse ter essa conversa, mas hoje todos estão percebendo que não existe outro jeito, nós precisamos nos conhecer melhor, precisamos confiar mais nas nossas relações e precisamos transformar tudo isso em oportunidades para o nosso povo que, durante tanto tempo, ficou tão sofrido.

Boa sorte neste encontro e bons negócios.

(\$211B)